

# O retrato de Satanás no *Testamento de Jó*: Um monstro?

The Portrait of Satan in the Testament of Job: A Monster?

Francisco Benedito Leite<sup>1</sup>

## RESUMO

**Resumo:** O *Testamento de Jó* é um livro apócrifo do judaísmo do Mundo Antigo que foi pouco estudado ao longo da história da pesquisa acadêmica. Seu conteúdo narra uma história alternativa de Jó, na qual se destaca seu confrontamento a Satanás. Por se tratar de um livro escrito no período helenístico, as características da apocalíptica chamam a atenção, sobretudo no que diz respeito à Satanás, que é o inimigo pessoal de Jó. No presente ensaio, em primeiro lugar, apresentaremos sumariamente as informações históricas e literárias do *Testamento de Jó* que são pouco conhecidas; em seguida, traremos em destaque e discutiremos as passagens que apresentam Satanás para compreender como a obra o concebe; por fim, destacaremos as características da teoria do monstro de Cohen para propor um retrato monstruoso de Satanás no *Testamento de Jó*.

**Palavras-chave:** *Testamento de Jó*; Satanás; monstro; apócrifo.

## ABSTRACT

**Abstract:** The Testament of Job is an apocryphal book of ancient Judaism that has been little studied throughout the history of academic research. Its content narrates an alternative story of Job, in which his confrontation with Satan stands out. Since it is a book written in the Hellenistic period, its apocalyptic characteristics attract attention, especially with regard to Satan, who is Job's personal enemy. In this essay, we will first briefly present the historical and literary information of the Testament of Job that is little known; then, we will highlight and discuss the passages that present Satan in order to understand how the work conceives of him; finally, we will highlight the characteristics of Cohen's monster theory in order to propose a monstrous portrait of Satan in the Testament of Job.

**Keywords:** *Testament of Job*; Satan; monster; apocryphal.

## Introdução

O *Testamento de Jó* é um livro apócrifo que tem recebido pouca atenção desde que recebeu sua primeira abordagem acadêmica no século XIX. Peter W. van der Horst e Michael A. Knibb chegaram a afirmar: “Este testamento é um dos escritos menos conhecidos entre os pseudopígrafos” (1989, p.1). Quase todos os estudiosos que abordaram seu conteúdo que temos conhecimento, o fizeram a partir da abordagem histórico-crítica – como podemos conferir nos artigos que estão no livro organizado por van der Horst e Knibb (1989) – e de versões desenvolvidas desse método como o que adiciona a narratologia – como é o caso do estudo a respeito do Testamento de Jó feito por Maria Haralambakis (2014).

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, realizou pesquisa de Pós-Doutorado na Pontifícia Universidade Católica de Campinas; e-mail: ethnosfran@hotmail.com

Mesmo sem desprezar a importância dos resultados e das metodologias dos estudos que foram realizados até aqui sobre o *Testamento de Jó*, pretendemos nos diferenciar desses pela relação que nosso ensaio tem com os Estudos Culturais. Realizaremos um estudo da personagem Satanás e depois a discutiremos a partir das sete teses sobre o monstro de Cohen (2007). O objetivo é que ao fim da discussão possa-se dizer se Satanás tem ou não tem relação com esse monstro do ponto de vista cultural.

Antes de responder à pergunta central, no entanto, vamos, em primeiro lugar, apresentar sumariamente o *Testamento de Jó*, tanto aspectos de sua narrativa, quanto de suas histórias e características literárias. Em seguida, a personagem de Satanás, como aparece no livro apócrifo, será discutida a partir dos próprios termos do livro, mas quando possível evocando comparações do Texto Massorético e do Novo Testamento. Por fim, discutiremos as características de Satanás à luz das sete teses sobre o monstro.

### **1. *Testamento de Jó*, um livro apócrifo do judaísmo do Mundo Antigo**

O livro que se intitula *Testamento de Jó* é uma antiga obra apócrifa redigida em língua grega que foi escrita por alguém ou algum grupo relacionado com a religião judaica possivelmente entre o fim do século I d.C. e o início do século II d.C. (Haralambakis, 2012) – é difícil ter mais precisão do que isso na cronologia histórica. De qualquer forma, essa foi uma época de grandes agitações sociais na região da Palestina, tendo se consumado na destruição da Judeia em duas etapas, a primeira em 70 d.C. e a segunda em 130 d.C.

O lugar em que mais provavelmente o *Testamento de Jó* foi escrito é o Egito, pois a personagem Jó é apresentada como rei do Egito e os amuletos mágicos que são mencionados estão relacionados com um tipo de magia tipicamente greco-egípcia, ou seja, que apesar da relação com o mundo grego, era realizada no Egito (Lesses, 2007). No entanto, mesmo com os fatores mencionados, ainda não é possível cravar de modo definitivo que esse foi o lugar em que o livro foi escrito, pois não há informações contundentes, temos apenas dados que estão relacionados com o conteúdo interno do livro.

No seu conteúdo constam elementos rejeitados pelas ortodoxias, tanto cristã quanto judaica, que se desenvolveriam em época posterior, por isso as linhas principais do cristianismo ocidental e do judaísmo rabínico não preservaram o *Testamento de Jó* e não a consideraram inspirada por Deus nem digna de ser canonizada. É possível que os motivos para essa rejeição, que só poderia surgir em séculos posteriores, provavelmente depois do século IV, estejam relacionados com a menção a amuletos mágicos, a visões celestiais, a pessoas mortas que são vistas coroadas no céu e à intrigante figura de Satanás.

Apesar de não ter sido canonizado, o *Testamento de Jó* teve ampla divulgação no Mundo Antigo, o que se evidencia pelo fato de existirem manuscritos desse livro em três idiomas: grego, eslavo e copta. Sabe-se que cristãos do leste europeu preservaram esse livro apócrifo em seus mosteiros e entenderam que seu conteúdo se tratava de uma história de santo, um gênero tradicional no Medievo.

É possível que as características religiosas idiosincráticas do *Testamento de Jó* apontem para a crise de identidade que os grupos judeus enfrentaram durante os períodos de guerra contra os romanos e, principalmente, após a destruição de Jerusalém. No entanto, sem negar a hipótese mencionada, também é possível que o livro remeta à religiosidade popular que

combina livre e indistintamente elementos de várias tradições religiosas (Leite; Nogueira, 2024).

Independentemente da história obscura do *Testamento de Jó*, seu conteúdo é um relato interessantíssimo dos pontos de vista literário e histórico-religioso. Apesar do conteúdo do livro apócrifo retomar personagens da obra canônica de Jó, afasta-se totalmente de sua estrutura, de seu gênero, de seu estilo, de sua teologia. Trata-se de uma narrativa novelesca do período helenístico, por isso tem características cômicas, sem deixar de ser um livro que discute uma questão séria.

A esse tipo de livro popular na época do helenismo, o filólogo Mikhail Bakhtin conceituou como “sério cômico” (2019), tendo em vista que ao lado da comicidade está um assunto sublime, que é a revelação que Deus concedeu a Jó para que ele pudesse enfrentar Satanás e triunfar. A comicidade está na sabedoria prosaica de Jó, na descrição de sua doença e no seu fedor, nos fracassos patéticos de Satanás e em outros momentos.

Van der Horst e Knibb (1989), ao apresentar a história da pesquisa do *Testamento de Jó*, apontou sua relação com o *midrash*, mais propriamente com a *haggadah*. De acordo com essa perspectiva, o Testamento de Jó pode ser identificado como um comentário expansivo de um livro bíblico feito ao estilo judaico. Isso faz todo o sentido, se levarmos em conta que apesar de tantas diferenças que esse livro tem com o livro de Jó, permaneceram em seu conteúdo trechos idênticos à versão do livro de Jó da LXX. O autor do *Testamento de Jó* pode ter partido de citações para fazer sua interpretação expansiva. Apesar disso, entre os estudiosos, chegou-se a discutir que o *Testamento de Jó* surgiu antes da tradução do livro de Jó para o grego, sendo ele uma de suas fontes e não o contrário, de acordo como o que apontou Patrick Gray (2004), no estudo em que comparou as duas fontes.

Podemos entender que o *Testamento de Jó* ao mesmo tempo é um livro de gênero sério-cômico e um *midrash*, essas classificações são apenas modos diferentes de se considerar a obra que não se opõem. Ao mesmo tempo o livro é paródico – tenha sido essa a intenção do seu autor ou não – bem como o livro é uma expansão de uma obra da Texto Massorético.

Em certo sentido, podemos caracterizar o *Testamento de Jó* como uma paródia do livro canônico de Jó, porque enquanto a obra bíblica se caracteriza como um elevado livro poético e sapiencial, em torno do qual estão uma abertura e uma conclusão em prosa; o livro apócrifo é do começo ao fim uma obra em prosa, sem reflexões profundas, sem variação de gênero, sem qualidade literária do ponto de vista poético.

Podemos explicar que o conteúdo do *Testamento de Jó* se baseia em uma narrativa dividida em etapas de enfrentamento entre Jó e Satanás. Jó vence Satanás em todos os seus ataques, apesar disso, há o relato das desgraças que lhe ocorreram, ocasionadas por ataques provocados por seu inimigo, Satanás. A resistência e a fé de Jó se destacam por pela descrição minuciosa do sofrimento ao qual foi submetido por enfrentar Satanás, após ter destruído o templo do ídolo, no qual quem recebia adoração e sacrifícios era o próprio Satanás.

Ao longo da narrativa do *Testamento de Jó*, a esposa de Jó, chamada Sítidos, é uma personagem controvertida. Após a desgraça de Jó, sua mulher trabalha para lhe sustentar enquanto ele se encontra adoecido. Apesar desse aspecto positivo, Sítidos se destaca por seus confrontos com Jó e por ser vulnerável aos ataques de Satanás. Nesses pontos de sua ação, essa personagem expressa a ignorância em oposição à revelação que corresponde a Jó.

Além da narrativa principal, na qual estão descritos os seguidos enfrentamentos entre Jó e Satanás, há uma história adicional no *Testamento de Jó*, que estudiosos – como, por exemplo, Antonio Piñero (1987) – questionaram se realmente fazia parte do livro ou se era uma espécie de conclusão adicionada posteriormente ao livro que já tinha sido terminado. Trata-se da história do leito de morte de Jó, pelo qual ele passa sem sentir dor, porque Deus o havia dado amuletos que lhe protegiam dos ataques de Satanás e da dor. Jó distribui suas propriedades para seus filhos homens e seus amuletos para suas filhas, que falam línguas celestiais e entram em êxtase religioso, após isso Jó morre e suas filhas veem sua alma sendo levada aos céus.

Por fim, nessa parte final do *Testamento de Jó*, aparece um narrador, Nereo, irmão de Jó, que se declara autor do livro. Algo estranho do ponto de vista narrativo, porque quem leu o livro desde o começo pensa que Jó seria o autor, uma vez que ele narra sua história em primeira pessoa desde o início, o que é característico do gênero testamento.

John Collins (1974) entendeu que o final do *Testamento de Jó* é autêntico pelo fato de haver uma narrativa da transmissão da revelação de Jó às suas filhas. Essa conclusão do livro proporciona uma moldura à obra, porque mostra mulheres que recebem a revelação em contraposição à Sítidos, que é uma mulher que não recebeu a revelação. De acordo com o autor, a revelação é o tema mais importante do livro e essa parte final proporciona uma conclusão coerente para narrativa.

Nos parágrafos seguintes, apresentaremos o retrato de Satanás que é apresentado no *Testamento de Jó*. Para isso, partiremos da edição crítica em língua grega da referida obra (Brock, 1967), cotejaremos algumas comparações com a literatura bíblica, quer da Texto Massorético, quer do Novo Testamento Grego quer da LXX.

## 2. Satanás no *Testamento de Jó*

No livro canônico de Jó, escrito provavelmente no século VI a.C., menciona-se que: “no dia em que os filhos de Deus vieram se apresentar a *Yahweh*, veio também ‘o adversário’ [hebr. נָשָׁתָן; transl. *bassatan*]” (Jó 1.6). De acordo com Terrien (1994), a narrativa pode estar relacionada com uma tradição folclórica e “os filhos de Deus”, que são mencionados neste versículo, devem ser compreendidos como seres divinos que compartilham a natureza da divindade, mas não são *Yahweh*.

Pelo cenário construído (Jó 1.6-12), projeta-se na realidade celeste a existência de uma corte semelhante às que existiram historicamente no antigo Oriente. Assim notamos nessa narrativa que, em torno de *Yahweh*, reúne-se uma corte celestial e no meio dos cortesãos que se aproximam vem “o adversário”, que aparentemente não integrava à comitiva.

Ao que se nota, a utilização do artigo definido antes do substantivo que se traduz por “adversário” leva a entender que não se trata de um nome próprio, por isso é preferível grafar a palavra hebraica com letra minúscula e traduzi-la por “inimigo”. Terrien (1994) explica que no livro de Jó, essa personagem ainda não era um anti-Deus como viria a ser posteriormente. Ao invés disso, era um ser que vagava pela terra a serviço de *Yahweh*, o qual tinha a função de examinar os seres humanos como se fosse um procurador geral.

Muito diferente disso é o retrato do satã no *Testamento de Jó*. Nesse escrito, "o inimigo" já aparece como Satanás, com letra maiúscula, pois se trata de uma figura pessoal. Como o livro foi redigido em língua grega, seu autor optou por helenizar o termo hebraico *ha-satán* [heb. הַשָּׂטָן]. Assim, utilizou a forma grega *Satanás* [greg. Σατανᾶς]. Diferentemente disso, na versão do livro de Jó que está na LXX, *ha-satán* foi traduzido pela palavra grega *diábolos* [greg. διάβολος], que, como substantivo, carrega o mesmo significado que o termo hebraico: "acusador" ou "adversário" (Kirst et al., 2004, p. 237; Rusconi, 2006, p. 122).

É curioso observar que o *Testamento de Jó* mantém o artigo antes de "Satanás" no texto grego, como está no Texto Massorético e na LXX. Apesar disso, Satanás não é um inimigo em sentido genérico, mas age e se apresenta como um ser pessoal que tem uma luta renhida, contínua e individual contra Jó.

No *Testamento de Jó*, Satanás pretende enganar os seres humanos. Como, segundo Collins (1974), um dos principais paradigmas para a interpretação desse livro se coloca na oposição que existe entre o engano promovido por Satanás e a sabedoria revelada por Deus, podemos entender aqui que a personagem é evidentemente uma opositora de Deus ao provocar o engano à humanidade.

Não é clara a origem do retrato de Satanás que o *Testamento de Jó* relata, pois entre estudiosos do judaísmo antigo, como John Collins (2010) e Nickelsburg (2011), reconhece-se que a principal história da origem do mal entre os textos do judaísmo do segundo templo vem do mito dos vigilantes de *I Enoch*. De acordo com essa tradição antiga, o demoníaco resulta dos espíritos dos gigantes, que tinham sido gerados pela relação inapropriada entre mulheres e seres celestiais denominados vigilantes, após a morte destes. Após a morte dos gigantes, seus espíritos buscavam se apossar de corpos, porque eles tinham natureza híbrida, espiritual e humana.

No entanto, no *Testamento de Jó* não parece haver alusão aos espíritos impuros de *I Enoch* e mesmo que haja alguma relação indireta, Satanás já muito evoluído em vista desses espíritos que possuem seres humanos e animais, como seria o caso dos "espíritos impuros" que Jesus exorciza nos evangelhos sinóticos.

No *Testamento de Jó*, apesar de se tomar o livro canônico de Jó como pretexto para a narrativa, Satanás tem características bem particulares em vista do imaginário dos povos do antigo oriente bem como se distingue de retratos construídos em outros livros do Mundo Antigo. Nessa obra, as características novelísticas levam à construção de um retrato de Satanás que o subordina a uma narrativa, na qual, ele é o responsável direto por todo mal que acontece contra Jó, e para ser possível tal realização, pode adquirir variadas formas, expressar sentimentos e adquirir traços muito humanos.

Como pretendemos demonstrar a seguir, a principal característica de Satanás no *Testamento de Jó* é a fluidez de seu ser. Isso significa que suas manifestações se dão tanto em forma material, quanto espiritual, bem como por meio de fenômenos naturais. Além disso, ele também se coloca no lugar do ídolo para enganar os seres humanos e receber a adoração que seria devida à divindade.

Nesse sentido, de acordo com certa compreensão desenvolvida no judaísmo do período helenístico, a idolatria é, por excelência, a manifestação de Satanás (Gruem III, 2004), por isso, no livro que estamos discutindo, o templo do ídolo – mesmo que não se especifique

de que ídolo se trata – é “lugar de Satanás, no qual os homens serão enganados” (*Test Jó 3.6*).

Tendo em vista a mencionada fluidez que o caracteriza, nota-se que o narrador do *Testamento de Jó* pressupõe que Satanás recebe a adoração que é oferecida ao ídolo. Conforme podemos ler nas palavras que o texto atribui ao anjo que fala a Jó: “Este ao qual oferecem holocaustos e fazem libação não é Deus, mas essa é a potência do diabo, na qual está enganada a natureza humana” (*Test Jó 3.3*).

Assim, a idolatria manifesta a potência do diabo, porque leva a execução seu objetivo que é o engano da humanidade. Por seu turno, o oposto da mentira é a revelação da sabedoria, que só pode ser efetuada por Deus (Collins, 1974). Jó é agraciado com essa dádiva, mas, em consequência disso, precisa enfrentar as reprimendas de Satanás.

É interessante observar que a associação entre idolatria e Satanás também é presumida no Novo Testamento. Em algum nível essa compreensão subjaz aos pressupostos fundamentais da narrativa do Apocalipse de João. Pela narrativa, presume-se que Antípas, que foi morto pelo seu testemunho, foi condenado por se rejeitar a partilhar do sacrifício realizado a outras divindades ou ao imperador romano (Ap 2.13). O apóstolo Paulo, no entanto, é bem liberal nesse ponto e não proíbe que se coma da carne oferecida em sacrifício desde que não se prejudique a própria consciência. Segundo ele, “o ídolo nada é no mundo” (I Co 8.4).

A narrativa a respeito da fidelidade obstinada dos mártires do livro do Apocalipse confrontada com a afirmação cética do apóstolo Paulo quanto à existência de um ente que corresponda ao ídolo mostram que no judaísmo do Mundo Antigo havia modos diferentes de compreender a associação entre idolatria e Satanás bem como sobre o status ontológico de um e de outro. No *Testamento de Jó* o ídolo existe ontologicamente e seu ente corresponde ao próprio Satanás.

Por se tratar, como acabamos de mencionar, de um ente, dotado de características pessoais, Satanás tem planos expressos com clareza, que se baseiam em enganar a humanidade promovendo a idolatria que é realizada em seu templo. Desse modo, sua atuação se promove concretamente, por isso, o combate a Satanás também presume uma efetiva guerra realizada contra suas instituições, que são seu templo, sua religião e o sacrifício que se lhe dedica.

No texto do *Testamento de Jó* o próprio Deus concorda com a necessidade que há em se combater a idolatria e a comprehende como um processo de purificação, que, todavia, ocasionará represárias contra qualquer lhe promover:

E novamente disse: “Assim diz o Senhor: se empreendes purificar o lugar de Satanás, ele se levantará contra você com ira para uma guerra, só que não poderá causar sua morte. Causar-lhe-á muitas chagas, tirará suas propriedades, eliminará seus filhos” (*Test Jó 4.3-5*).

Satanás, que no relato é um ser pessoal, assume a destruição de seu templo como uma afronta e se coloca contra Jó de todas as formas possíveis. Ainda que o Satanás do *Testamento de Jó* não seja mais a figura celeste vagante e submissa a *Yahweh* que aparece no livro canônico de Jó, mesmo assim, ele não pode agir sem a permissão de Deus. Para afetar a vida de Jó, Satanás se comunica com Deus ao chegar ao firmamento e ali solicitar

autorização para retirar as propriedades de Jó (*Test Jó* 8.1-3) e depois pede o corpo de Jó (*Test Jó* 20.2).

Deus concede autorização aos dois pedidos feitos por Satanás contra Jó, um de cada vez, como está escrito no texto, mas sem permitir que Jó fosse morto: “A seguir, depois de Satanás ter recebido autoridade, então, daí em diante, ele desceu sem piedade” (*Test Jó* 16.2); “E foi aí que o Senhor me entregou nas mãos dele para usar o meu corpo como desejava, mas sobre a minha alma não lhe deu a autoridade” (*Test Jó* 20.4).

A menção a Satanás ter pedido o corpo de Jó para Deus nos lembra que o apóstolo Paulo recomendou que um homem fosse entregue a satanás para destruição da carne, que, nesse caso, é sinônimo de corpo (Cf. Bultmann 2008; Dunn 2006<sup>2</sup>) (*I Co* 5.5-6). A passagem bíblica é obscura e não interessa nesse momento entender o que tem a ver a destruição do corpo com a salvação, mas apenas convém destacar que tanto na compreensão do apóstolo quanto no *Testamento de Jó*, Satanás promove a destruição do corpo.

Por um lado, a capacidade destrutiva de Satanás se dá de modo concreto porque, de alguma forma, ainda que isso esteja relacionado com a permissão de Deus, foi ele quem promoveu a doença no corpo de Jó, a qual também tem sua causa atribuída por Jó à vontade de Deus (*Test Jó* 20.9); do mesmo modo, no que diz respeito à sua ação concreta na realidade narrada, Satanás também se torna um “grande vento impetuoso” (*Test Jó* 20.5) que causa o desmoronamento de uma casa e assim mata os filhos de Jó.

Por outro lado, a capacidade que Satanás tem de destruir também diz respeito à desmoralização do herói, como na passagem que a esposa de Jó (consequentemente ele próprio) é ultrajada em praça pública; na passagem em que se relata a difamação, as mentiras e as incitações realizadas pelo rei dos persas contra Jó (*Test Jó* 17); na passagem que se descreve a criação de conflitos pessoais, como o promovido por sua esposa, Sítidos, que o confronta e o insulta (*Test Jó* 24). Satanás atua tanto de modo concreto quanto subjetivo, afetando a vida social e a honra da personagem.

No que está relacionado à enfermidade que Satanás provoca, destaca-se o aspecto de sua crueldade extrema. A doença de Jó representa o que se pode imaginar de mais intenso sofrimento. O *Testamento de Jó* menciona que Jó tinha chagas em seu corpo, vermes andavam sobre sua carne e o seu fedor era intenso. De acordo com Spittler (2006) ser comido por vermes é um castigo destinado aos mortos, que na sepultura literalmente têm seus corpos devorados por vermes, mas também foi retomado por apocalipses cristãos como o *Apocalipse de Pedro*, por exemplo, para se referir às penalidades eternas que os pecadores condenados receberão no inferno.

Para além da crueldade, a esperteza também se destaca como característica da personalidade de Satanás. Diga-se de passagem, propomos o termo “esperteza” para contrapor à “sabedoria”, que nesse livro é divinamente inspirada e pertence a Jó. Até mesmo Jó só a possui porque Deus a revelou e assim concedeu-lhe uma compreensão da realidade que não era compartilhada pelas demais personagens do livro. Nos últimos capítulos do livro, as filhas de Jó recebem a transmissão de sua sabedoria por meio de amuletos mágicos que

---

<sup>2</sup> Os livros citados explicam em que sentido “carne” e “corpo” podem ser sinônimos na antropologia do apóstolo Paulo. A explicação dada por ambos é considerada consenso entre os estudiosos do apóstolo Paulo.

lhes são dados pelo pai. Assim, não convém dizer que Satanás é sábio, uma vez que a sabedoria é um dom de Deus transmitido por revelação ou por magia.

Na cena que ocorre ao longo do capítulo 7, Satanás decifra o enigma que Jó lhe proporciona ao lhe doar um pão queimado. Jó manda dar um pão queimado quando Satanás, transformado em pedinte, pede-lhe uma doação. Ao fazer isso, Jó manda um recado, ele já entendeu que ali não está uma pessoa pobre que está pedindo o que comer, mas sim Satanás, que está cercando seu território para informar que em breve sobrevirá violentamente contra sua vida, sua família, suas posses e tudo mais que puder.

Após o esmoleiro ter recebido um pão queimado da mão de Jó, devolveu-lhe a metáfora ao mandar dizer a Jó que aquele pão queimado correspondia ao modo como seu corpo ficaria destruído depois do confronto que haveria de ocorrer entre os dois. Satanás metamorfoseado em esmoleiro coloca um casaco [greg. ἀσσάλιον<sup>3</sup> transl. assálion] (Test Jó 7.1), com o qual cobre seus ombros e se retira. Possivelmente isso tem a ver com seu caráter, com a postura arrogante com a qual agiu após o diálogo simbólico e conflituoso que desenvolveu com Jó.

Na narrativa do *Testamento de Jó* Satanás aparece materializado por meio das figuras nas quais se metamorfoseia, como é o caso do esmoleiro, que pede pão à porta da casa de Jó antes de sua ruína (Test Jó 6.4); do padeiro que dá pães à Sítidos em troca de sua humilhação pública ao cortar seus cabelos no mercado diante de todos (Test Jó 23.10); ao perseguir a esposa de Jó ocultamente provocando maquinações em sua mente, de forma literal o texto menciona que ele “desviava o coração dela” (Test Jó 24.11); e logo após, ao ser flagrado por Jó, enquanto se escondia atrás de sua esposa (Test Jó 27.1). Satanás também parece materializar-se ao se metamorfosear em “rei dos persas” e provocar o saque de suas propriedades e promover sua perseguição (Test Jó 17.2).

Embora o verbo usado no *Testamento de Jó* seja “metamorfosear” [greg. μεταμορφόμαται; transl. metamorphómai] e o verbo utilizado por Paulo seja “transformar” [greg. μετασχηματίζω; transl. metaschématizo] (2 Co 11.4), o imaginário que se tem nos dois textos é o mesmo, Satanás tem a capacidade de se metamorfosear, de se transformar livremente para confundir os seres humanos que são ignorantes por não terem recebido a revelação dada por Deus.

A despeito de sua materialidade nas passagens mencionadas, Satanás evidentemente também é um ser espiritual no *Testamento de Jó*, pois enche Eliú (Test Jó 41.5), como fazem os “espíritos impuros” [greg. πνεύματα ἀκαθάρτοι transl. pneúmata akathártoi] relatados nos evangelhos sinóticos, os quais possuíam as pessoas. Embora mais escassas, também há passagens do Novo Testamento que mencionam que Satanás entra em pessoas, como podemos ler em algumas narrativas, como as que menciona que entrou em Judas (Lc 22.3; Jo 13.27) e a que afirma que encheu o coração de Ananias (At 5.3)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Essa palavra tem significado obscuro segundo os tradutores do *Testamento de Jó*. Não é certo que “casaco” seja sua tradução precisa, mas parece ser seu significado mais provável.

<sup>4</sup> Satanás “entrar” em pessoas acontece na obra lucana e na joanina e corresponde a modos particulares como esses autores consideram as ocorrências que estão relatadas nos textos citados. Nos evangelhos sinóticos é mais comum que espíritos impuros possuam seres humanos e, inclusive, animais, como foi o caso da vara de porcos em que entraram, de acordo com as versões da narrativa do exorcismo do endemoninhado geraseno ou gadareno que consta nos evangelhos sinóticos (Mt 8.28-34; Mc 5.1-20).

Além das aparições de Satanás, ora materializado ora como espírito, não podemos ignorar que no *Testamento de Jó*, esse ser também se manifesta por meio de fenômenos naturais, como é o caso do “vento impetuoso”, que causou a queda da casa de Jó sobre seus filhos, ocasionando assim a morte deles (*Test Jó 20.5*).

Tanto o sentimento de vergonha quanto a expressão de choro são absolutamente incomuns de se atribuir a Satanás. O medievalista Aaron Gurevich (1988) chega a afirmar que do mesmo modo que Jesus nunca ri, satanás nunca chora. Apesar disso, no Testamento de Jó claramente há uma exceção a essa regra geral. Levando em conta esses sentimentos, podemos dizer que Satanás é muito humano.

Tendo um diálogo face a face com Jó e Sítidos, Satanás manifesta sua vergonha após ter sido vencido por Jó, tendo em vista sua resistência em pecar. O discurso de Satanás resume o triunfo de seu oponente como a vitória de um pugilista (*Test Jó 27*). Nesse ponto da narrativa o que há é praticamente um desabafo que um inimigo faz ao seu oponente diante de sua própria incapacidade. Jó não deu chances para Satanás, venceu todos os desafios propostos.

Transformado em padeiro ou vendedor de pão<sup>5</sup>, Satanás age com astúcia. Para causar extrema humilhação à pessoa de Jó, ‘o diabo’ usa de artimanha para expor sua esposa à extrema ridicularização pública e, assim, afetar a honra de Jó. No Novo Testamento, conforme a convenção patriarcal da época, menciona-se que é vergonhoso para a mulher cortar o cabelo porque ela é a glória do seu marido (*I Co 11.6-7*). Por algum motivo relacionado com essa afirmação, quando uma mulher corta seu cabelo envergonha seu marido.

Na narrativa do *Testamento de Jó*, ao cortar o cabelo de Sítidos, Satanás expõe Jó ao ridículo, porque provoca uma situação para tosquiar sua mulher ao oferecer-lhe pães em troca de cortar seu cabelo em praça pública, diante da movimentação do mercado e do público que ali se reunia. Um grupo de pessoas indeterminado que supostamente assistiu o cabelo de Sítidos sendo cortado, começou a entoar uma cantoria que contrapõe a vida esplendorosa que essa mulher viveu em momento anterior e a decadênciá atual em que se encontrava. Os versos que relatam a luxuosa vida pregressa de Sítidos são intercalados pelo refrão insolente: “ela, que agora com o cabelo paga por pães”.

Essas passagens citadas do *Testamento de Jó* que apontam para flexibilidade de suas manifestações parecem indicar para uma concepção antropológica, conforme a qual, Satanás é a manifestação do mal personificada ou não. Satanás se revela em tudo quanto é forma de hostilidade, em tudo quanto é prejudicial à vida do herói, sejam os fenômenos naturais que levam à destruição de propriedades; o esmoleiro insolente; o capricho cruel do vendedor de pães; a crueldade do povo que escarnece da mulher empobrecida; a esposa que fica indignada com a situação de pobreza e por isso confronta seu marido; o amigo que por se considerar sábio menospreza a condição mental daquele que deveria receber seu apoio; às inexplicáveis doenças terríveis que lhe acometeram; o motim promovido por populares que saquearam seus bens; o rei que invadiu seus territórios e lhe promoveu a ruína. Tudo é causado por Satanás, que tem múltiplas formas, muitos modos de se manifestar, diversas maneiras de

---

<sup>5</sup> Minha compreensão ao traduzir o termo grego é que no Mundo Antigo, antes do surgimento do capitalismo, o vendedor de pães e o fabricante de pães geralmente eram a mesma pessoa, por isso “padeiro” é suficiente para expressar ambas as ações supostamente realizadas pela mesma pessoa.

atuar, mas que, no entanto, não prevalece contra Jó, que tem a sabedoria revelada por Deus e por isso consegue resistir a tudo que se lhe impõe.

### 3. Pistas para o monstruoso de Satanás no Testamento de Jó

Jeffrey Jerome Cohen, em seu artigo *A cultura dos monstros* (2007) propõe “um método para se ler as culturas a partir dos monstros que elas engendram” (2007, p.25). Para realizar esse estudo, o autor propõe sete teses sobre o monstro. Vamos verificar se o Satanás do *Testamento de Jó* pode ser entendido a partir dessa teoria.

De acordo com a primeira tese de Cohen, “O corpo do monstro é um corpo cultural” (2007, p.26), o que nos lembra das metamorfoses de Satanás no *Testamento de Jó*. As transformações em esmoleiro, padeiro e rei dos persas nos mostram uma relação do inimigo de Jó com elementos que estão às margens da cultura.

Vejamos:

O corpo monstruoso é pura cultura. Um constructo e uma projeção, o monstro existe apenas para ser lido: o *monstrum* é, etimologicamente, “aquele que revela”, “aquele que adverte”, um glifo em busca de um hierofante. Como uma letra na página, o monstro significa algo diferente dele: é sempre um deslocamento; ele habita, sempre, o intervalo entre o momento da convulsão que o criou e o momento no qual ele é recebido — para nascer outra vez (2007, p.27).

Essas características do monstro como “pura cultura” parecem se manifestar no caráter de metamorfo que Satanás tem no *Testamento de Jó* como destacamos ao mencionar sua fluidez, em sua forma, ele vai do esmoleiro ao rei, da materialidade à forma espiritual. Assim, transita sem fronteiras entre as expressões da cultura.

Na tese II, Cohen propõe que “O monstro sempre escapa” (2007, p.27). O autor explica sua proposição do seguinte modo:

Vemos o estrago que o monstro causa, os restos materiais (as pegadas do yeti através da neve tibetana, os ossos do gigante extraviados em um rochoso precipício), mas o monstro em si torna-se imaterial e desaparece, para reaparecer em algum outro lugar (pois quem é o yeti se não o homem selvagem medieval? (2007, p.27).

Precisamente nesse ponto notamos a característica de Satanás entre suas manifestações como ser materializado, ser espiritual e fenômeno natural. Não apenas isso, mas também o fato que mesmo de ter sido vencido por Jó, Satanás não cessa de existir. As filhas de Jó também precisarão se manter protegidas de Satanás mesmo após o pai delas tê-lo escorraçado, pois a tendência é que seus ataques ocorram novamente se elas não estiverem protegidas pelos amuletos mágicos que receberam do pai.

“O monstro é arauto da crise das categorias” (2007, p.30), conforme a tese III de Cohen. Nessa tese, o estudioso explica que o monstro não se presta à categorização, do mesmo modo como temos dificuldade em categorizar o Satanás do *Testamento de Jó*, tendo em vista a dificuldade de traçar a história de seu surgimento, que não está diretamente

relacionada com o Mito dos Vigilantes nem com as antigas tradições do Antigo Oriente. Satanás surge de diversas culturas, como o caráter romanesco da narrativa que o construiu.

Na tese V, “O monstro policia as fronteiras do possível” (2007, p.40), Cohen explica que geralmente os monstros “declararam que a curiosidade é mais freqüentemente (sic.) punida do que recompensada, que se está mais seguro protegido em sua própria esfera doméstica do que fora dela [...]” (2007, p.41). Aqui, lembramos que o que ocasionou a fúria de Satanás contra Jó foi sua resistência em acreditar que o ídolo fosso Deus e merecedor de devoção. Jó ora pedindo para conhecer o verdadeiro Deus, que finalmente se lhe revela. Quando isso acontece, Jó se sente encorajado a destruir o templo do ídolo, o que, ao ser feito, gera os subsequentes embates com Satanás. Foi o fato de ‘sair da zona’ de conforto que despertou Satanás contra Jó.

Na quarta tese, Cohen afirma: “O monstro mora nos portões da diferença” (2007, p.32). Nesse ponto podemos retomar o que foi dito sobre o caráter metamorfo de Satanás ao relacioná-la com a tese I, mas a ênfase agora é colocada mais no caráter da alteridade daqueles nos quais Satanás se metamorfoseia do que em sua capacidade de fluidez. A começar pelo esmoleiro ambivalente, temos nessa figura cultural, por sua própria natureza, o marginal, é sob essa forma que Satanás confronta, esnoba e amaldiçoa Jó. O esmoleiro do ponto de vista cultural é ambivalente por ser o poderoso sem poder, isto é, apesar de ser despossuído, exerce poder sobre aqueles com quem encontra, rejeitar de ajudar um pedinte é uma insolência que atrai males a quem o fizer. O tirano de um poderoso império crescente que pretende expandir seu território e submeter material e culturalmente as nações vizinhas é, por excelência, ‘um outro’ do ponto de vista cultural. Assim é Satanás metamorfoseado na figura de rei dos persas. O que chamamos de padeiro no *Testamento de Jó* é, na verdade, o “vendedor” [greg. ποάτην] de pães. Como personagem que atua no mercado é reconhecido por sua comicidade, no caso, tanto este quanto o coro que o rodeia, ultrapassam a comicidade e a ironia para chegar ao escárnio.

A sexta tese é mais evidentemente associável inclusive ao satanás do Novo Testamento e da literatura apócrifa em geral. “O medo do monstro é realmente uma espécie de desejo” (2007, p.32). A relação entre o monstro e o desejo está na figura dos gigantes que são a prole gerada pela relação entre os vigilantes e as mulheres, o que evidentemente expressa o desejo. Nos evangelhos sinóticos, satanás oferece alimento, glória e poder a Jesus, três elementos que são objeto de desejo da humanidade. O *Testamento de Jó*, de modo indireto, mantém-se relacionado com essas figuras, Satanás na figura do esmoleiro, do rei e do vendedor de pães expressa respectivamente o desejo por liberdade, poder e alimento. O templo em que Satanás é adorado por meio do ídolo também se mantém relacionado a esses elementos.

Por fim, a sétima e última tese é a seguinte: “O monstro está situado no limiar... Do tornar-se” (2007, p.54). Ao ler o texto de Cohen (2007), essa tese pareceu-me semelhante à segunda tese “O monstro sempre escapa”. Talvez as duas teses estejam relacionadas, mas enquanto a segunda destaca a característica fugaz de Satanás, a sétima tese prenuncia o seu retorno sempre possível, contra o qual sempre é necessário estar preparado. Isto é, não apenas as personagens do *Testamento de Jó* precisam de magia apotropaica, mas também os leitores e ouvintes de sua narrativa. Fica uma exortação à obtenção de proteção de Satanás para todos aqueles que se relacionarem com o conteúdo desse livro.

## Considerações finais

O *Testamento de Jó* permanece como um livro pouco estudado no Ocidente, por isso seu estudo ainda carece de desenvolvimentos. Nossa proposta foi a de realizar uma leitura que destacasse a personagem de Satanás e a analisasse a partir da teoria do monstro de Cohen (2007). Essa proposta representa o acesso a um antigo apócrifo judaico por meio dos Estudos Culturais.

A apresentação realizada do *Testamento de Jó* foi sumária, restringiu-se a trazer as informações gerais quanto à sua história e às suas características literárias que foram desenvolvidas pelos estudiosos do judaísmo do segundo templo até aqui. Apesar de elementares, essas informações trouxeram subsídio suficiente para que a personagem Satanás fosse apresentada na sequência dentro de um quadro geral do conteúdo histórico-literário do material.

Satanás é construído de modo bem particular no *Testamento de Jó*. É difícil saber de onde vem esse imaginário e identificar qual porção dessa personagem foi desenvolvida a partir desse livro. Não parece difícil afirmar que o Satanás humanizado, isso é dotado de pessoalidade, sentimentos e ações humanas como o choro e o lamento adiantam as características dos diabos medievais. Ao menos afirmamos com segurança que é um retrato bem diferente do satan bíblico.

Apesar de seu caráter pessoal em tantos momentos, Satanás não aparece apenas como o mal encarnado, mas também como o mal que resulta dos fenômenos naturais, como o mal imaterial, enfim, como todas as formas de males imagináveis. A conclusão à qual o livro leva, de que Satanás é o realizador do mal de toda espécie, provavelmente está relacionada com o momento de crise de identidade vivido por aqueles que recebem a literatura.

Por fim, ao estudar a figura de Satanás construída pelo *Testamento de Jó* a partir das sete teses sobre o monstro de Cohen (2007), observamos que todas as teses são contempladas de uma forma ou de outra na personagem de Satanás no *Testamento de Jó*. Para além do aspecto literário, essa compreensão nos oferece aportes culturais para a compreensão do livro apócrifo.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance III**: O romance como gênero literário. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BROCK, S. P. [ed.]. **Testamentum Iobi**. Leiden: E. J. Brill, 1967.
- BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2008.
- COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: Sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros**: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. São Paulo: Editora Autêntica, 2007, p.23-60.

COLLINS, John J. **A Imaginação Apocalíptica**: Uma introdução à literatura apocalíptica judaica. Trad. Carlos Guilherme da Silva Magajewski. São Paulo: Paulus, 2010.

COLLINS, John J. Structure and Meaning in the Testament of Job. *Journal of Society of Biblical Literature*. In: MCRAE, G [ed.]. **Seminar Papers**. Massachusetts: Cambridge, 1974, p.35-54.

DUNN, James D. G. **Teologia do Apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2006.

GRAY, Patrick. Points and Lines: Thematic Parallelism in the Letter of James and the Testament of Job. **New Testament Studies**, 50, 2004, p.406-424.

GRUEM III, William 'Chip'. Seeking a Context for the Testament of Job. **Journal for the Study of the Pseudepigrapha**. Vol. 18, 3, 2009, p.163-179.

GUREVICH, Aaron. **Medieval Popular Culture**: Problems of belief and perception. New York: Cambridge University Press, 1988.

HARALAMBAKIS, Maria. **The Testament of Job**: Text, Narrative and Reception History. Library of Second Temple Studies; 80. London, Bloomsbury T & T Clark, 2014.

KIRST, Nelson et. al. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. 18<sup>a</sup> ed. São Leopoldo: Sinodal/Petrópolis: Vozes, 2004.

LEITE, Francisco Benedito; NOGUEIRA, Paulo. O grotesco e o monstruoso no Testamento de Jó. In: **Religare**. v.21, dezembro de 2024, p.1-17. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/71511>. Acesso em: 8 jan. 2025.

LESSES, Rebecca. Amulets and Angels: Visionary Experience in the Testament of Job and Hekhalot literature. In: LIDONNICI, Lynn; LIEBER, Andrea. **Heavenly Tablets**, 119. Leiden, Brill, 2007, p. 49-74.

NICKELSBURG, George W. E. **Literatura Judaica, entre a Bíblia e a Mixná**: Uma introdução histórica e literária. Trad. Elis A. Soares. Col. Academia Bíblica. São Paulo: Paulus, 2011.

PIÑERO, Antonio. Testamento de Job. Introducción y Texto. In: MACHO, Alejandro Diez et al. [eds.]. **Apocrifos del Antiguo Testamento**. Tomo V: Testamentos o Discursos de Adios. Madrid: Ediciones Cristandad, 1987, p.159-213.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2006.

SPITTLER, Russell P. Testament f Job. A New Translation and Introduction. In: CHARLESWORTH, James H. [ed.]. **The Old Testament Pseudepigrapha**. Vol. One: Apocalyptic Literature and Testaments. Massachussets: Hendrickson Publishers, 2016, p.829-868.

TERRIN, Samuel. **Jó**. Trad. Benôni Lemos. Col. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulus, 1994.

VAN der HORST Pieter W. Images of women in the Testament of Job. In: KNIBB, Michel A; VAN der HORST, Pieter W. Studies [ed.]. **Studies on the Testament of Job**. Society

Francisco Benedito Leite

O retrato de Satanás no *Testamento de Jó*: Um monstro?

for New Testament Studies Monograph Series; 66. Cambridge University Press, 1989, p.93-116.

Recebido em 08/01/2025

Aceito em 24/06/2025